ESTUDOS SOBRE AS MULHERES EM PORTUGAL
Um olhar sobre o passado

Maria Regina Tavares da Silva
Assessora Principal da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Resumo Esta comunicação identifica os aspectos mais relevantes na evolução dos estudos sobre as mulheres em Portugal, particularmente a partir dos primeiros anos da década de 80. A Comissão da Condição Feminina e posteriormente a Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres promoveu iniciativas científicas em várias instituições universitárias e Organizações Não Governamentais, concretamente através da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, tendo sido criado, em 1995, um Mestrado nesta área. O número de dissertações e de projectos de investigação tem vindo a aumentar nos anos 90 e a tendência dos estudos sobre as mulheres centra-se actualmente na perspectiva dos estudos sobre o género.

Traçar um quadro breve da evolução dos "estudos sobre as mulheres " em Portugal, de modo a fazer o ponto de uma situação ainda mal conhecida por parte de muitos, é a proposta desta comunicação. Por isso a intitulei "Estudos sobre as mulheres em Portugal: um olhar sobre o passado".

Um olhar é apenas um olhar, um tanto subjectivo certamente, mas que procurarei ir apoiando em dados e factos concretos e objectivos. Sem pretensões de exaustividade, o que pretendo é ir procurando as várias pontas em que esta meada se foi desdobrando, isto é, ver como os "estudos sobre as mulheres" surgiram e foram evoluindo entre nós, quais os momentos-chave, os principais agentes dessa evolução, as instituições que intervieram, etc.

Sabemos que a história a contar não é longa em Portugal, e ainda mais se comparada com a de outros países europeus, particularmente de cultura anglo-saxónica, com a dos Estados Unidos da América, e mesmo outros, e que só há relativamente pouco tempo podemos falar de estudos sobre a mulheres em Portugal, assumidos como tal e com crescente legitimidade, enquanto perspectiva e área de investigação na comunidade académica e científica.

Enquanto naqueles países é a partir da década de 60 que estes estudos se impõem e que vão sendo progressivamente criados cursos, departamentos e graus, bem como centros específicos de investigação, em Portugal só a partir dos anos 80 se desenvolve um processo de estabelecimento e dinamização dos estudos sobre as mulheres. Só a partir dessa altura, eles se formulam conscientemente como tal, numa perspectiva inovadora de redescoberta ou de nova leitura da realidade.

Não quero com isto dizer que no passado não tivesse havido estudos nesta linha, que pensadores e escritores não se tivessem debruçado sobre o tema, incluindo naturalmente estudos realizados em esferas académicas e universitárias.

Efectivamente há — e é importante acentuá-lo, porque é uma dimensão nem sempre reconhecida — uma corrente permanente e persistente de escritos e obras que ao longo do tempo abordaram o tema "a mulher" e "as mulheres", os seus papéis, comportamentos e funções sociais, as suas qualidades e defeitos, os seus deveres e obrigações, num discurso ou discursos que ilustram a evolução e as várias facetas do pensamento sobre as mulheres em Portugal.

Facetas que, quanto a mim — e tenho-o dito e escrito em outras circunstâncias — se exprimem em três grandes linhas de pensamento sobre as mulheres — a linha do louvor e da exaltação das mulheres, a linha didáctica e crítica que as admoesta e ensina, e a linha da defesa, e até de reivindicação expressa, dos direitos das mulheres.

Não irei explorá-las agora, embora considere que são também estudos sobre as mulheres em sentido mais amplo do que o habitualmente atribuído à designação e que são, por outro lado, fonte imprescindível e riquíssima para os mesmos estudos, enquanto repositório de um pensamento e de um discurso que a elas diz respeito.

Efectivamente, não seria pensável falar de estudos sobre as mulheres em Portugal sem evocar, entre muitas outras, as obras clássicas de:

— Cristóvão da Costa, "Tratado em louvor das mulheres e da castidade, honestidade, silêncio e justiça..." (1525).[1]
— João de Barros, "Espelho de Casados... " (1540).[2]
— Rui Gonçalves, "Dos privilégios e prerrogativas que o género feminino tem..." (1557).[3]
— Duarte Nunes de Leão, "Descrição do Reino de Portugal..." (1610),[4] que contem três capítulos dedicados às mulheres portuguesas.
— Frei Luís dos Anjos, "Jardim de Portugal..." (1626).[5]
— Diogo Paiva de Andrade, "Casamento Perfeito..." (1630).[6]
— D. Francisco Manuel de Melo, "Carta de Guia de Casados... " (1651).[7]
— "Tratado sobre a Igualdade dos Sexos" (1790).[8]
— "Dedução filosófica da desigualdade dos sexos, e de seus direitos políticos por natureza" (1822).[9]

Ou em momentos mais próximos de nós, e apenas a título de exemplo:

— Dr. Lopes Praça, "A Mulher e a Vida ou a mulher considerada debaixo dos seus principais aspectos (educação secundária)" (1872).[10]
— D. António da Costa, "A Mulher em Portugal" (1892).[11]
— Carneiro de Moura, "A Mulher e a Civilização. Estudo histórico, económico e jurídico da evolução paralela dos sexos" (1900).[12]
— Visconde de Sanches de Frias, "A Mulher, sua infância, educação e influência social" (1911) (publicado anteriormente no Brasil, 1880).[13]

Impensável seria ainda esquecer a contribuição fundamental das mulheres que no virar do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, particularmente em

ligação com o movimento republicano, deram voz às aspirações das mulheres e testemunharam acerca dos seus principais problemas. Caiel e Maria Amália Vaz de Carvalho na área da educação, Virgínia de Castro e Almeida, que se ocupa também da educação da mulher e do seu lugar no mundo e nessa perspectiva escreve a obra "A Mulher. História da Mulher — a mulher moderna — educação",[14] Ana de Castro Osório e Adelaide Cabete dando voz ao movimento feminista e às suas implicações jurídicas, políticas e sociais, seguidas por Aurora de Castro e Gouveia, Emília de Sousa Costa, Maria Veleda e tantas outras...

Todas elas vão progressivamente exprimindo e contribuindo para o pensamento sobre as mulheres em Portugal e simultaneamente dando corpo às linhas principais que o movimento feminista assume entre nós, isto é, a proposta e a defesa da educação para as mulheres, o seu acesso ao trabalho e à independência económica e o direito ao voto, ainda que com restrições.

São linhas diversificadas de afirmação dos direitos das mulheres, que são depois prosseguidas e aprofundadas por outras figuras, sem a acção das quais seria também impensável fazer a História das Mulheres no nosso país e também a história dos estudos sobre as mulheres em Portugal. Refiro-me designadamente a Elina Guimarães, cuja acção notável foi não apenas manter acesa a chama feminista que vinha das primeiras décadas do século num regime que pretendia apagá-la ou obscurecê-la, mas também proceder a uma análise da situação das mulheres na sua área de especialização jurídica, de que são exemplo as obras "O Poder maternal" de 1933[15] ou "A Lei em que vivemos... noções de direito usual relativo à vida feminina" de 1936;[16] refiro-me ainda a Maria Lamas, cujo trabalho "As Mulheres do meu País", de 1948,[17] é um marco indispensável para a história dos estudos sobre as mulheres em Portugal.

Mas é mais próximo de nós, na década de 60, que encontramos exemplos de iniciativas na linha do que há-de vir a denominar-se "estudos sobre as mulheres". Refiro-me a um Colóquio que se intitulou "Sobre a Condição da Mulher Portuguesa"[18] realizado em 1968 e a um ciclo de Conferências promovido no âmbito da Faculdade de Direito de Lisboa sobre "A Mulher na Sociedade Contemporânea"[19] em 1969. Nestas iniciativas participaram personalidades tais como Isabel Barreno, Augusto Abelaira, Agustina Bessa Luís e Sérgio Ribeiro, no primeiro, e, no segundo, Elina Guimarães, Manuela Palma Carlos, Maria de Lourdes Lima dos Santos, João dos Santos, Rui Grácio, Sophia de Mello Breyner, Isabel da Nóbrega e Urbano Tavares Rodrigues, entre outros.

Nelas se discutiram questões relacionadas com a educação e o trabalho das mulheres, a sexualidade, os mitos e estereótipos a elas relativos, bem como questões jurídicas conexas com o seu estatuto, questões morais e sociais, aspectos psicológicos e condicionalismos culturais. Todas estas matérias são objecto de reflexão anunciando novas perspectivas na abordagem da condição feminina. Efectivamente, muitas das questões que, a partir de 1974, iriam ser "ditas" em todos os tons e em círculos cada vez mais amplos, são aqui introduzidas e debatidas num *forum* mais limitado.

Urbano Tavares Rodrigues, na apresentação das actas do colóquio acima referido considera que debater esta matéria naquele momento era tarefa difícil,

porque, numa sociedade em profunda mutação, a situação da mulher apresenta aspectos "senão confusos e contraditórios, pelo menos extremamente complexos". No entanto, há que encará-los, porque se trata de uma questão que é da sociedade, não apenas das mulheres, mas também "dos homens conscientes do que pode significar para uma maior harmonia e dignificação da existência, a descolonização total da antiga escrava, mascarada de rainha, e em vias de franca ascensão e emancipação..."

Significativo é também que, pela mesma altura, é dado à estampa o "Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis"[20] datado de 1967, da autoria de Américo Lopes de Oliveira e Mário Gonçalves Viana. O primeiro autor publicará, alguns anos mais tarde, um novo dicionário, o "Dicionário de Mulheres Célebres"[21] em 1981. Em 1983, uma outra compilação do mesmo autor "Escritoras Brasileiras, Galegas e Portuguesas"[22] reúne estudos biográficos e bibliográficos com o objectivo expresso de proporcionar pistas para mais desenvolvida investigação.

A reflexão sobre a mulher e as mulheres parece, pois, ter os seus dados lançados neste final da década de 60 e estas iniciativas são um reflexo, ainda que pálido, do debate e reflexão em curso em outros países. E o aparecimento em 1972 do livro "As Novas Cartas Portuguesas"[23] incendeia definitivamente esse debate e essa reflexão.

A evolução prossegue nos anos 70 que, a nível internacional, marcam uma viragem no abordar das questões relativas às mulheres. 1975 é o Ano Internacional da Mulher, assim proclamado pelas Nações Unidas, e o marco que anuncia a Década da Mulher, que se desenrola entre 1976 e 1985.

Mais do que meras comemorações, a grande mudança processa-se no olhar sobre estas questões, que passam de questões apolíticas a questões integrantes da agenda e do discurso político a nível das organizações internacionais. Por outro lado, importa não esquecer a influência na mudança social e no estatuto das mulheres que os acontecimentos ligados a Maio de 68 tinham trazido; e a outro nível, mas com profundas repercussões na visão sobre a mulher, tudo o que o Concílio Vaticano II tinha introduzido e anunciado em termos de novos sinais dos tempos.

A nível nacional, a época de 70 é também de mudança profunda — política, económica, social e cultural. Nem seria necessário lembrá-lo, mas apenas apontar a coincidência feliz, que permitiu uma conjugação de circunstâncias favoráveis à reflexão e à acção no que se refere à mudança do estatuto e papel das mulheres na sociedade portuguesa.

No final da década de 70 verificam-se algumas iniciativas na linha da promoção da investigação sobre as mulheres, promovidas quer a nível das instituições, quer por organizações de mulheres, então emergentes. No mundo académico refiro, pelo seu interesse, o curso de estudos femininos realizado em 1979 no âmbito do Instituto de Formação Social e do Trabalho, em que foram abordados temas relacionados com a imagem da mulher na lei portuguesa, a família, a sexualidade, a maternidade, o trabalho das mulheres e o feminismo. Entre as monitoras contavam-se, por exemplo, Isabel Barreno, Leonor Beleza e Maria Belo.

Contudo, é na década de 80 que esta problemática começa a desenvolver-se. Ainda que timidamente, as questões relativas à situação das mulheres passaram da margem para dentro do círculo do debate político e os "estudos sobre as mulheres" encontram novas formas de expressão e um novo aprofundamento.

Em Julho de 1980 realiza-se em Copenhaga a II Conferência Mundial sobre as Mulheres, promovida pelas Nações Unidas e os "estudos sobre as mulheres" têm papel de relevo neste âmbito, particularmente no *forum* de Organizações Não Governamentais que decorre em paralelo com a conferência oficial. A presença expressiva de mulheres provindas do mundo académico e o facto de esta reunião ter lugar num país nórdico, em que tais estudos conheciam já notável reconhecimento, proporciona uma visibilidade acrescida a esta temática.

Mas também na conferência oficial ela tem uma visibilidade nova, designadamente trazida pela UNESCO que aí apresenta um "Relatório sobre programas de investigação e ensino sobre as mulheres"[24] elaborado pela Doutora Margherita Rendel da Universidade de Londres e simultaneamente responsável pelo "Comité de Investigação sobre Papeis Sexuais e Política" da Associação Internacional de Ciências Políticas.

Neste relatório se traça um largo e documentado panorama da evolução dos *Women's Studies* em diferentes países, regiões e culturas. O mesmo relatório apresenta ainda as Recomendações da reunião de um grupo de peritos da UNESCO sobre "Investigação e ensino relativos às mulheres: avaliação e perspectivas" que havia tido lugar em Paris entre 5 e 8 de Maio do mesmo ano.

Tais Recomendações iam no sentido do desenvolvimento de cursos e projectos de investigação, do desenvolvimento de *curricula* e de materiais adequados, da recolha de dados sistemática e organizada, da informação sobre as investigações em curso numa rede de dimensão internacional, do intercâmbio de investigadores/as, e ainda no sentido de estimular as universidades e outras instituições de investigação a promoverem, reconhecerem e apoiarem iniciativas neste domínio.

O eco destes desenvolvimentos em Portugal foi ainda reforçado por uma outra circunstância que importa referir. Logo após a conferência de Copenhaga, no mês seguinte, realizou-se em Salzburgo uma sessão do *Salzburg Seminar*, prestigiada instituição americana que, pela primeira vez, abordou questões relativas às mulheres, particularmente nas áreas da educação e do trabalho.

Nessa reunião, ao longo de três semanas, a temática dos *Women's Studies* foi amplamente abordada, na perspectiva dos vários países participantes e dinamizada, nomeadamente, pela contribuição de uma das suas pioneiras nos EUA, a Professora Mariam K. Chamberlain, que então presidia ao *National Council for Research on Women*, um consórcio que reunia um vasto número de centros de investigação sobre estas matérias.

A Comissão da Condição Feminina, tendo tido participação activa nestas iniciativas, empenhou-se então, de modo particular no processo de dinamização dos *Women's Studies* e da sua legitimação a nível das instituições. Assim, e em sucessivas etapas, foi esta matéria abordada junto do Ministério da tutela, do Ministério da educação, da direcção geral do ensino superior, dos conselhos

científicos de várias faculdades, particularmente da área das ciências sociais e humanas, junto de docentes e investigadores/as, etc.

Definíamos então os *Women's Studies* como "a expressão de um conceito muito amplo que abrange investigação e ensino sobre questões relativas à condição feminina em todos os ramos do conhecimento, com particular incidência no campo das ciências humanas e sociais — história, sociologia, literatura, psicologia, mas também no direito, na linguística e até mesmo no campo das ciências exactas. Abrange ainda esforços e acções determinados com vista à educação e promoção social das mulheres. Trata-se, pois, não de um novo campo de investigação específico e delimitado, e consequente transmissão de conhecimentos, mas de uma óptica e de um referencial a ter em conta nos vários ramos do saber".

Dos contactos institucionais com várias faculdades de várias universidades recebemos respostas diferentes e reacções positivas e negativas, manifestações de interesse e intenções de colaboração, mas também manifestações de espanto e estranheza. Não posso deixar de recordar que uma delas dizia claramente não reconhecer qualquer interesse nos *Women's Studies* porque "a ciência é só uma e como tal deve ser estudada". Quando muito considerava possível a realização de um ciclo de conferências sobre a actuação da mulher através dos tempos no domínio das letras, das ciências e das artes, mas não mais do que isso.

O caminho foi, no entanto, prosseguindo e como marco importante parece-me ser de referir a realização do primeiro seminário de "Estudos sobre a mulher" promovido pela comissão da condição feminina e realizado na Fundação Gulbenkian em 1983. Este Seminário foi acompanhado por uma exposição bibliográfica sobre a mulher que reuniu um número importante de obras desde o século XVI até ao século XX, provindas da Biblioteca Nacional, da Biblioteca da comissão e de colecções particulares, tendo sido complementada por obras de arte — pintura e escultura — do espólio da Fundação Gulbenkian, estando publicados as Actas[25] e Catálogo[26] respectivos.

O interesse por esta problemática foi-se desenvolvendo e foram sendo estabelecidos Protocolos entre instituições universitárias e a Comissão da Condição Feminina no sentido de apoiar este tipo de investigação em várias áreas.

Recordo ainda as discussões, inclusive sobre a própria terminologia — estudos sobre a mulher/ estudos sobre as mulheres/ estudos femininos/ estudos feministas para se decidir pela expressão "Estudos sobre as mulheres" que pareceu ser a mais adequada.

Foram entretanto surgindo iniciativas específicas por parte da comunidade científica e alguns marcos importantes devem ser apontados. Refiro-me aos colóquios de 1985, o primeiro promovido pelo Instituto de Ciências Sociais, de Lisboa sobre o tema "Mulheres em Portugal",[27] e o segundo sobre "A Mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais",[28] organizado pelo Instituto de História Económica e Social da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo as respectivas actas sido também publicadas. Particularmente no segundo, as questões das mulheres na sua relação com a família, o trabalho, a literatura, a religião, a política, os papéis sociais que lhes são atribuídos, etc. foram amplamente abordadas num número significativo de comunicações.

Outras iniciativas na mesma linha se seguiram, de que refiro a título de exemplo os vários seminários organizados pela Comissão da Condição Feminina, mais tarde Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres. Em 1986 sobre "A Mulher e o ensino superior, a investigação científica e as novas tecnologias",[29] em que, pela primeira vez, houve uma tomada de consciência da crescente presença feminina nas universidades com ecos algo alarmados na Imprensa; em 1989 sobre "As Mulheres, a identidade cultural e a defesa nacional"; [30] em 1990 sobre "Igualdade, democracia e direitos humanos"[31] realizado com o apoio do Conselho da Europa; em 1991 sobre "Maternidade: mitos e realidades";[32] em 1992 sobre "Construir a igualdade"[33] com participantes dos países membros da Comunidade Europeia e apoio da Comissão Europeia; em 1993 sobre "Estudos sobre as mulheres",[34] que pretendeu fazer um balanço dos desenvolvimentos de uma década; e em 1994 o congresso internacional sobre "O Rosto feminino da expansão portuguesa".[35] que reuniu um vasto número de investigadores/as e um notável número de comunicações já publicadas em dois grossos volumes. Este foi acompanhado por várias iniciativas entre as quais uma exposição bibliográfica "Fontes portuguesas para a história das mulheres"[36] que teve lugar na Biblioteca Nacional.

Mas também crescem as iniciativas nas universidades e instituições ligadas à investigação. Curioso é o facto de em colóquios e congressos promovidos neste âmbito o tema condição feminina e situação das mulheres começar a aparecer de forma sistemática através de comunicações e secções específicas. É, por exemplo, o caso do congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição[37] realizado em 1987; do I Congresso Português de Sociologia[38] em 1988; do congresso A Vida da República Portuguesa[39] em 1991; do congresso de História Local e Regional sobre o Porto no Fim do Século em 1991; do congresso internacional sobre a Festa em 1992 ou do encontro internacional sobre o Quotidiano na História Portuguesa[40] em 1993.

Em todos eles a perspectiva relativa às mulheres aparece em temas diversificados a demonstrar o interesse crescente dos investigadores/as sobre esta dimensão. Interesse que teve ainda uma particular visibilidade em iniciativas específicas, de que destacamos os colóquios "Outros sentidos para novas cidadanias" no âmbito da Universidade do Porto e particularmente o "Terceiro congresso europeu de pesquisa feminista sobre mulheres, mobilidade e cidadania na Europa" no âmbito da Universidade de Coimbra, o qual reuniu um vasto número de participantes e uma enorme diversidade de comunicações, ambos em Julho de 1997. [41]

Por outro lado, valerá a pena referir a iniciativa tomada no âmbito da Universidade de Verão dos cursos da Arrábida, que foi o curso intitulado *Engendering the European Academy. Women's Studies, Gender Issues, changes and resistance* que se realizou em Agosto de 1997, sob a responsabilidade da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e da Fundação Oriente e patrocínio de instituições tais como o Instituto Universitário Europeu de Florença e a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris.

Mas ainda dentro da Universidade importa apontar os cursos que vão surgindo, bem como os centros e unidades de investigação que vão sendo criados.

A título de exemplo refiro o Grupo de Estudos Feministas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o Núcleo de Estudos Feministas do Centro de Estudos Sociais, também de Coimbra, o Centro de Estudos Femininos da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, o Centro de Estudos de Género do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, o Centro Interdisciplinar de Estudos da Mulher da Universidade da Madeira, etc.

E mais significativo ainda o mestrado de estudos sobre as mulheres que, desde 1995, decorre na Universidade Aberta, bem como a inclusão de cadeiras específicas em cursos de âmbito mais geral. Ainda a título de exemplo refere-se a cadeira "As Mulheres na sociedade contemporânea: história comparada" incluída no mestrado em História Económica e Social Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ou a cadeira sobre "Direitos das Mulheres e da Igualdade Social — Direito da Discriminação" integrada no curso de Direito da Universidade Nova de Lisboa, bem como o mestrado recente no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, que integra a dimensão "Género e Família".

Um outro indicador do interesse crescente pelos "estudos sobre as mulheres" são as publicações de carácter monográfico de alguns periódicos que, nos últimos anos, têm surgido. Exemplo disto são, entre outros: "Mulheres e Trabalho", número especial de "Educação e Trabalho" em 1984; "Mulher: questões actuais" e "Mulheres na Igreja", números monográficos da Revista do Centro de Reflexão Cristã em 1984 e 1989; "Mulheres no Mar Salgado", número temático da Revista Oceanos em 1995; "História no Feminino", número monográfico da Revista História em 1996; número sobre "Género, discurso e guerra" da Revista "Penélope. Fazer e Desfazer a História" de Outubro de 1997 e o último número da "Revista Crítica de Ciências Sociais" sobre "Mulheres, Cidadania e Mobilidade" reunindo comunicações do congresso europeu sobre a mesma temática.

Por outro lado, manifestação viva da investigação que vai sendo desenvolvida são as teses e trabalhos académicos, os quais têm aumentado significativamente nos últimos anos. Num apanhado não exaustivo de teses constantes das bases de dados da Biblioteca Nacional e da biblioteca da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, num total de cerca de 130 teses, verifica-se que a grande maioria se situa nos últimos anos — 67,5% na década de 90; 27% na década de 80 e apenas 5,5% em décadas anteriores.

Décadas anteriores que, no entanto, vão até épocas recuadas, já que a primeira tese de doutoramento que encontrei nessa amostragem sobre questões relativas à mulher se situa em 1904 e é um curioso documento. Da autoria de Eusébio Tamagnini intitula-se "Psychologia feminina"[42] e, embora defendendo a educação feminina e a sua emancipação intelectual, é claramente contra a sua participação na vida pública como atentatória da "graça e da moralidade femininas" e mais ainda contra os seus direitos políticos — "ponto mais melindroso da questão feminista". Vinte anos mais tarde, em 1924, Adelaide Cabete, uma das figuras mais representativas do feminismo português apresenta também uma tese notável sobre "Protecção às mulheres grávidas pobres como meio de promover o desenvolvimento physico de novas gerações"[43] — trabalho que se integra na preocupação social que ela própria imprime ao feminismo português.

Mas no que se refere às teses é também curioso ver quais as áreas privilegiadas da tais investigações, Sem esquecer o carácter multidisciplinar de muitas destas investigações pode, no entanto, referir-se que o maior número se situa preferencialmente na área das Literaturas, seguido da história, da sociologia, antropologia, ciências da educação, psicologia e filosofia e, de forma mais residual, nas áreas da comunicação, direito, economia, etc.

Nesta resenha breve de indicadores que documentam o processo de evolução dos estudos sobre as mulheres em Portugal vale a pena ainda referir algumas Organizações que particularmente se têm ocupado desta questão. Em primeiro lugar a APEM — Associação Portuguesa de Estudos sobre a Mulher — que nasceu no início da década de 90, a partir de uma Rede Nacional de Estudos sobre as Mulheres, criada no âmbito da Comissão da Condição Feminina, que tem promovido de forma sistemática acções nesta área. A título de exemplo, recordamos os Encontros bianuais que se debruçaram sobre temas tais como: "Feminismo e Sexismo em Portugal" em 1995 ou "As Mulheres e o Estado" em 1997 ou ainda os colóquios e debates de menor dimensão sobre: "Igualdade e Diferença" em 1992; "Mulher, tema e autor de investigação" em 1993; "A História das Mulheres" em 1995; ou "A Lei eleitoral em revisão" em 1998.

Refiro também o ramo português da Federação Internacional para a Pesquisa da História das Mulheres sedeado na Universidade Portucalense Infante D. Henrique que tem procurado dinamizar o debate nesta área. E ainda as iniciativas destinadas a estimular a investigação através da criação de prémios, atribuídos quer pelas Organizações Não Governamentais de Mulheres do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres — Prémio Investigação Carolina Michaelis de Vasconcelos — quer pela Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego para trabalhos na área da sua competência.

Apontados alguns indicadores da evolução dos estudos sobre as mulheres em Portugal, uma última reflexão se impõe, a qual tem a ver com o enfoque mais recente que estes estudos têm progressivamente assumido. Se os "estudos sobre as mulheres" se ocupavam especificamente das questões relativas a uma metade, até aqui "invisível", da Humanidade, de que havia que descobrir e escrever uma história e um percurso, os "estudos de género" ou relativos ao género, que foram emergindo, passam a ter em conta as experiências e vivências das mulheres na sua relação com as experiências e vivências dos homens.

No seminário "Estudos sobre as mulheres" realizado em 1993, o Professor José Mattoso, relembrando Virgínia Woolf dizia que "é necessário reescrever a História por completo", até porque no passado, e ainda segundo a sua análise, "Não só não se escreveu só a metade, como esta metade não tem sentido algum sem o resto". Isto significa que ao olhar o passado, na sua tradicional repartição de funções ou o presente, em que essa repartição de funções se alterou, há que olhar essas realidades à luz das mudanças nas funções sociais de cada um dos sexos e da sua inter-relação.

Se os estudos específicos — os "estudos sobre as mulheres" — continuam a ser uma linha essencial de investigação, os "estudos de género", que têm em conta a humanidade na sua dualidade de Homem/ Mulher, são hoje uma nova perspectiva que importa aprofundar.

Mas estes são já os caminhos do futuro e eu propus-me apenas iluminar um pouco o passado, ou, mais modestamente, lançar apenas um breve olhar, o meu olhar, sobre o passado dos "estudos sobre as mulheres" em Portugal.

Notas

1 Cristóvão Costa, *Tratado en Loor de las Mugeres, y dela Castidad, Onestidad, Constancia, Silensio, y Justicia. Con otras muchas particularidades, y varias historias.* Dirigido Ala Serenissima Sennora Infanta Donna Catalina d'Avstria. Por Christoval Acosta Africano. In Venetia: Giacomo Cernetti, 1592.

2 João de Barros, *Espelho de Casados em o ql se disputa copiosamte q excelete proueitoso e necesareo seja o casmto e se mete muitas Seteças. Enxeplos. Auisos. e doctrinas e duuidas necesarias pera os casados e finalmente os Reqsitos q ha de ter o casamto para ser em perfeiçã e seruiço de deos.* Nouamente coposto pelo Doctor Joã de Barros, cidadão da cidade do Porto. Porto: Vasco Dias do Frexenal, 1540.

3 Ruy Gonçalves, *Dos Priuilegios & Praerogatiuas q ho genero feminino te por dereito comu & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino.* [S. l.]: Apud Iohanne Barreriu Regium Typographum, 1557.

4 Duarte Nunes de Leão, *Descripçaõ do Reino de Portvgal.* Per Duarte Nunez do Leão, desembargador da casa da supplicação. Dirigida ao illustrissimo & muito excellente Sñor Dom Diogo da Sylua, Duque de Francauilla, Conde de Salinas & Riuadeo, Presidente do conselho da coroa de Portugal. Em Lisboa, Por Iorge Rodriguez, 1610.

5 Frei Luis dos Anjos, *Iardim de Portvgal, em que se da noticia de alguas Sanctas, e outras molheres illustres em virtude, as quais nascerão ou viverão, ou estão sepultadas neste Reino, & suas cõquistas.* Recopilado novamente de varios, & graues Auctores, pello Padre Doutor Frey Luis dos Anjos Religioso, & Chronista da Ordem de nosso Padre Sancto Agostinho, natural da Cidade do Porto. Contem boa lição pera molheres, exemplos pera Pregadores, motiuos pera deuotos, & pera os amigos de historias muytas antigas & modernas. Em Coimbra: Em casa de Nicolao Carualho, Impressor del Rey, 1626.

6 Diogo de Paiva de Andrade, *Casamento Perfeito Em Que Se Contem Advertencias muito importantes para viuerem os casados em quietação, & contentamento; & muitas hystorias, & acontecimentos particulares dos tempos antigos, & modernos; diuersos custumes, leys, & ceremonias que teuerão alguas nações do mundo: com varias sentenças, & documentos de Autores Gregos, & Latinos, declarados em Portugues; tudo em ordem ao mesmo intento.* Por Diogo de Payua d'Andrada. Em Lisboa, Por Iorge Rodriguez, 1630.

7 D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados, para que pello caminho da Prudencia se acerte com a Casa do Descanço.* A hum amigo, por D. Francisco Manoel. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1651.

8 *Tractado sobre a Igualdade dos Sexos ou Elogio do Merecimento das Mulheres,* offerecido e dedicado às senhoras illustres de Portugal por hum amigo da razão. Lisboa, Officina Patriarcal de Luiz Ameno, 1790.

9 *Deducção Filosofica da Desegualdade dos Sexos, e de seus Direitos Politicos por Natureza.* Lisboa, Na Impressão de M. P. de Lacerda, 1822.

10 José Joaquim Lopes Praça, *A Mulher e a Vida ou a Mulher Considerada Debaixo dos Seus Principais Aspétos: instrução Secundária.* Coimbra, Livraria Portugueza e Estrangeira, 1872.

11 D. António da Costa, *A Mulher em Portugal: obra Posthuma Publicada em Beneficio de uma Creança.* Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1892.

12 João Lopes Carneiro de Moura, *A Mulher e a Civilisação: estudo Historico, Economico e Juridico da Evolução Parallela dos Sexos,* Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1900.

13 Visconde David Correia de Sanches de Frias, *A Mulher: sua Infância, Educação e Influência Social.* Pará, Tavares Cardoso, 1880. 2.ª edição, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1911.

14 Virgínia de Castro e Almeida, *A Mulher: História da Mulher: A Mulher Moderna: educação.* Lisboa, Clássica Editora, 1931

15 Elina Guimarães, *O Poder Maternal.* Lisboa, Moraes, 1933.

16 Elina Guimarães, *A Lei em que Vivemos…: Noções de Direito Usual Relativo à Vida Feminina.* Lisboa, Editorial O Século, 1936.

17 Maria Lamas, *As Mulheres do Meu País.* Lisboa, Actualis, 1948.

18 *Sobre a Condição da Mulher Portuguesa.* Lisboa, Editorial Estampa, 1968.

19 *A Mulher na Sociedade Contemporânea.* Lisboa, Prelo, 1969.

20 Oliveira, Américo Lopes de, *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis.* Porto, Lello & Irmão, 1967.

21 Américo Lopes de Oliveira; Mário Gonçalves Viana, *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis.* Porto, Lello & Irmão, 1967.

22 Américo Lopes de Oliveira, *Escritoras Brasileiras, Galegas e Portuguesas.* Braga, [s. n., 1983].

23 Maria Isabel Barreno; Maria Teresa Horta; Maria Velho da Costa, *Novas Cartas Portuguesas.* Lisboa, Estúdio Cor, 1972.

24 Margherita Rendel, *Report on Programmes of Research and of Teaching related to Women.* (policop.). Unesco, (SS-80/WS/20).

25 Seminário de Estudos Sobre a Mulher, Lisboa, 1983. *Estudos sobre a Mulher: actas,* Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 1984.

26 Exposição Bibliográfica sobre a Mulher, Lisboa, 1983. *Exposição Bibliográfica sobre a Mulher: catálogo.* Maria Regina Tavares da Silva (org.). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Exposições e Museografia / Comissão da Condição Feminina, 1983.

27 Colóquio Interdisciplinar sobre a Mulher em Portugal, Lisboa, 1985. *Mulheres em Portugal: comunicações ao Colóquio organizado pelo Instituto de Ciências Sociais.* Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1986.

28 Colóquio "A mulher na Sociedade Portuguesa", Coimbra, 1985. *A Mulher na Sociedade Portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais.* Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de História Económica e Social, 1986.

29 Seminário "A Mulher e o Ensino Superior, a Investigação Científica e as Novas Tecnologias em Portugal", Lisboa, 1986. *A Mulher e o Ensino Superior, a Investigação Científica e as Novas Tecnologias em Portugal: actas.* Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 1987.

30 Seminário "As Mulheres, a Identidade Cultural e a Defesa Nacional, Lisboa, 1989. *As Mulheres, a Identidade Cultural e a Defesa Nacional: actas de um seminário.* Lisboa: Comissão da Condição Feminina, 1989.

31 Seminário "Igualdade, Democracia e Direitos Humanos", Lisboa, 1990. *Igualdade, Democracia e Direitos Humanos: actas.* Lisboa: Comissão da Condição Feminina, 1991.

32 Seminário "Maternidade: Mitos e Realidades", Lisboa, 1991. *Maternidade: mitos e Realidades.* Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992.

33 Seminário "Construir a Igualdade", Lisboa, 1992. *Construir a Igualdade: actas do seminário / Building Equality: proceedings of the seminar / Construire l'Égalité: actes du séminaire.* Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1993.

34 Seminário "Estudos sobre as Mulheres", Lisboa, 1993. *Estudos sobre as Mulheres em Portugal: actas.* Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1993.

35 Congresso Internacional " O Rosto Feminino na Expansão Portuguesa", Lisboa, 1994. *O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa: actas.* Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1995.

36 Exposição "Fontes Portuguesas para a História das Mulheres" Lisboa, 1994. *Fontes Portuguesas para a História das Mulheres: catálogo.* (Coord. Ivone Leal) . Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994.

37 Congresso Luso-Brasileiro sobre a Inquisição, 1, Lisboa, 1987. *Inquisição: actas.* Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Editora Universitária, 1989-1990.

38 Congresso Português de Sociologia, 1, Lisboa, 1988. *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século: actas do I Congresso.* Lisboa, Fragmentos, 1990.

39 Congresso A Vida da República Portuguesa, Lisboa, 1991. *A Vida da República Portuguesa 1890-1990.* Lisboa, Cooperativa de Estudos e Documentação Universitária Editora, 1991-1995.

40 Encontro Internacional "O Quotidiano na História Portuguesa", Lisboa, 1993. *O Quotidiano na História Portuguesa: resumos.* Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de História, 1993.

41 Virgínia Ferreira; Teresa Tavares; Sílvia Portugal (eds.), *Shifting Bonds, Shifting Bounds: Women, Mobility and Citizenship in Europe.* Oeiras, Celta, 1998 e *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 50 sobre "Mulheres, Mobilidade e Cidadania".

42 Eusébio Tamagnini, *Psychologia Feminina.* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

43 Adelaide Cabete, *A Protecção às Mulheres Grávidas Pobres Como Meio de Promover o Desenvolvimento Physico de Novas Gerações.* Lisboa, Escola Medico-Cirurgica, 1900.